

Seminário da quarta-feira de 26 de março de 1958

$$\begin{array}{l}
 d \longrightarrow S \quad \diamond \quad a \rightleftharpoons i \quad (a) \longleftarrow m \\
 D \longrightarrow A \quad \diamond \quad d \rightleftharpoons s \quad (A) \longleftarrow I \\
 \Delta \longrightarrow S \quad \diamond \quad D \rightleftharpoons S \quad (A) \longleftarrow \Phi
 \end{array}$$

Escrevo isto no quadro, para começar, para evitar que eu o escreva incompleta ou incorretamente quando tiver de fazer referência a estas fórmulas. Espero poder pelo menos esclarecer o conjunto destas três fórmulas daqui até o fim de nosso discurso de hoje.

Para retomar um pouco as coisas onde as deixei na última vez, pude verificar, não sem satisfação, que minhas palavras haviam provocado alguma emoção, nomeadamente por causa daquilo que eu parecia haver podido endossar das opiniões de tal ou tal psicanalista feminino que havia acreditado poder adiantar esta opinião, que certas análises de mulheres não ganhavam forçosamente nada, quando levadas até seu término, pela razão, por exemplo, de que os próprios progressos da análise podiam, quando os sujeitos haviam atingido um certo porte na análise, privar os ditos sujeitos de suas relações propriamente sexuais, quero dizer, a continuação ou o adiamento da análise podia ameaçar um certo gozo conquistado e adquirido. Após o que, me perguntaram se eu endossava esta fórmula, a saber, que a análise deveria parar num certo ponto, por razões que estariam situadas, de alguma forma, fora das leis de seu próprio progresso.

Responderei que tudo depende daquilo do que se considera como sendo a finalidade da análise, não sua finalidade externa, mas aquilo que a regula, se assim se pode dizer, teoricamente. É certo que uma perspectiva da análise é a de um ajustamento à realidade, sendo este ajustamento à realidade considerado como algo implicado na própria noção do desenvolvimento da análise, quero dizer, seria dado na condição do homem ou da mulher, que uma plena elucidação devesse levá-lo obrigatoriamente a uma adaptação, de alguma forma pré-formada, harmoniosa.

É uma hipótese que, na verdade, nada na experiência justifica. Em outras palavras, para iluminar minha lanterna e para usar termos que retornarão hoje, desta vez num sentido completamente correto, posto que se trata da mulher, na verdade, este é um ponto muito sensível da teoria analítica, a saber, a de seu desenvolvimento, sua adaptação a uma certa ordem, e certamente que é puro caminhar da ordem humana. Será que não parece imediatamente certo que não se deve confundir aquilo que ela deseja - dou a este termo desejo seu sentido pleno - e aquilo que ela demanda? Também, não confundir o que ela demanda com o que ela quer, no sentido em que se diz: o que a mulher quer, Deus o quer? Estas evocações, senão de evidências, pelo menos de experiência, podem estar destinadas a mostrar que a questão colocada, de saber de que se trata de realizar na análise, não é coisa simples.

Na última vez, se isto veio de alguma forma lateralmente, no discurso, aquilo de que falávamos, a que queria levá-los, sobre que vou trazê-los hoje para dar disto uma fórmula mais generalizada, e que me servirá em seguida, de marco na crítica das identificações fundamentais normativas, precisamente do homem e da mulher, aquilo a que eu os conduzi na última vez era um primeiro resumo daquilo que devemos considerar como sendo uma espécie de identificação que produz o *ideal do eu* na medida em que ele é o ponto de resolução, o ponto pivô, o ponto de realização desta crise do Édipo em torno da qual ela

26 de março de 1958

não pára de girar, ainda que tome posições sempre mais centrífugas. E insisti sobre algo que podia ser dito assim, que toda identificação do tipo identificação *ideal do eu* era uma certa colocação em relação do sujeito com certos significantes no Outro, o que chamei de *insígnias*, e esta relação vinha, em suma, se enxertar sobre um outro desejo que não o desejo que havia confrontado os dois termos do sujeito do outro, na medida em que é portador destas *insígnias*.

Eis, aproximadamente, a que se resumia isto, o que naturalmente não satisfez todo mundo, ainda que, falando a tal ou tal, eu não tenha dado somente isso como referência. Não pensam, por exemplo, algo que por sinal está indicado como um fato de primeiro plano por Freud e por todos os autores, que é na medida em que uma mulher fez uma identificação a seu pai, que ela faz a seu marido, em suas relações com ele, todas as censuras que ela havia feito à sua mãe?

Eis algo que não deve nos deixar fascinar por este exemplo. Há, claro, outras formas sob as quais reencontraremos a mesma fórmula. Mas eis algo exemplar que ilustra o que acabei de dizer: é na medida em que a identificação se fez pela assunção de certos signos, de significantes característicos das relações de um sujeito com um outro. Isto vem confirmar e implica a subida ao primeiro plano das relações de desejo entre este sujeito e um terceiro. Vocês reencontrarão o **S**, *sujeito*, o *grande A* e o *pequeno a*. Onde está o *grande A*? Onde está o *pequeno a*? Não importa: o importante é que estejam dois.

Partamos novamente desta ressalva à qual tento trazê-los de volta, que é algo de que se poderia dizer que participa da máxima de La Rochefoucauld concernente às coisas que não se podem encarar, o sol e a morte. Na análise, há coisas como estas. É bastante curioso que seja justamente o ponto central da análise que olhamos sempre mais obliquamente, e por intermédio de sempre mais distantes. O complexo de castração faz parte desses.

Observem o que ocorre e o que ocorreu desde as primeiras apreensões que Freud teve. Havia aí algo pivô, algo essencial na formação do sujeito, a saber, esta coisa estranha, deve ser dito, que até o momento nunca havia sido promovida, articulada, a não ser na formação do sujeito. Este passo é algo em torno de uma ameaça muito precisa, particularizada, paradoxal, arcaica, e até provocando o horror propriamente falando, e um momento decisivo, provavelmente patógeno, mas também normativo, dirigido em torno de uma ameaça que não está aí sozinha, isolada, que é coerente com esta relação que se chama edipiana, entre o sujeito, o pai e a mãe, colocando o pai no ofício de portador da ameaça e sendo a mãe o objeto de finalidade, de intenção de um desejo profundamente escondido.

Aqui, completamente na origem, vocês reencontrarão o que precisamente se trata de elucidar. O que está nestas relações terceiras onde vai ocorrer a assunção destas relações a certas *insígnias* já indicadas no complexo de castração, mas de maneira enigmática, posto que estas *insígnias* estão, de alguma forma, postas, em relação ao sujeito, numa relação singular. Elas estão ameaçadas e, ao mesmo tempo, são elas o que se trata de recolher, de receber, e isto, numa relação de desejo concernente a um termo terceiro que é o da mãe.

No início, é isto que encontramos, e quando dizemos isto, estamos precisamente face a um enigma, frente a algo que deve ser articulado, coordenado com isso pelos práticos. Temos esta relação complexa por definição e por essência, complexa de ser agarrada, de ser articulada, e nós a reencontramos na vida de nosso sujeito.

O que vamos encontrar? Mil formas, mil reflexões, uma espécie de dispersão de imagens, de relações fundamentais, para nos permitir apreender todas as incidências delas, todos os

26 de março de 1958

reflexos psicológicos que são conduzidos na experiência do sujeito neurótico. Então, o que ocorre?

Ocorre este fenômeno que eu chamaria de motivação psicologizante, que fará com que, para procurar no indivíduo, no próprio sujeito, a origem, o sentido deste medo da castração, cheguemos a uma série de deslocamentos, de transposições na articulação deste medo da castração que não fazem, em suma - vou resumir - senão escalonar assim esta marca de castração que está primeiro em relação com o objeto do pai, o medo do pai. Somos primeiro levados a considerá-lo em sua incidência e a nos apercebermos de sua relação com uma tendência, um desejo do sujeito, o de sua integridade corporal, e é em torno da noção de medo narcísico que a noção de medo da castração vai ser promovida, e, seguindo sempre numa linha que é forçosamente genética, isto é, que remonta às origens, a partir do momento em que procuramos no próprio indivíduo a gênese daquilo que depois se desenvolve, encontramos promovida, posta em primeiro plano, - porque se tem sempre material, claro, clínico, para apreender as encarnações, se assim se pode dizer, de um certo efeito, encontramos o medo do órgão feminino, de maneira aliás ambígua, quer seja ele que se torne a sede da ameaça contra o órgão incriminado, quer pelo contrário, ele seja o modelo da desaparecimento deste órgão.

Mais adiante vamos encontrar na origem do medo da castração por um recuo sempre maior onde, vão ver, me parece no último termo, surpreendente e singelo em sua conclusão que o que vai ser temido como antes da castração no último termo, é o termo ao qual temos chegado progressivamente, e não farei novamente hoje a relação dos autores que encontramos, mas vocês sabem que o último é Mélanie Klein: o que está na origem do medo da castração é o falo, ele mesmo, que está escondido no fundo do órgão materno, percebido pela criança, na origem, como o falo paterno, como tendo sua sede no interior do corpo materno, é ele que é temido pela criança e pelo sujeito. E é bastante surpreendente ver aparecer, de alguma forma em espelho, frente ao órgão ameaçado, este órgão ameaçador, e de maneira, eu diria, sempre mais mítica, na medida em que está mais recuada. Mas, para que o último passo seja dado, é preciso que o órgão paterno no interior do sexo materno seja considerado como ameaçador. É porque o próprio sujeito fez disso, na origem do que se chama de suas tendências agressivas primordiais, suas tendências sádicas primordiais, fez disso a arma ideal, tudo volta ao último termo, a uma espécie de puro reflexo do órgão fálico, sendo considerado como o suporte de uma tendência primitiva que é a da pura e simples agressão, em suma, o complexo de castração, isolando-se, reduzindo-se ao isolamento de uma pulsão agressiva primordial parcial, ao mesmo tempo desconcertada, parece, então. E com efeito, é o esforço de todos os autores, que a partir deste momento tiveram a maior dificuldade para reintegrar o que concerne ao complexo de castração em seu contexto de complexo, a saber, aquilo de onde ele partiu e que motivava profundamente este caráter central da economia subjetiva de que se tratava na origem da exploração das neuroses, e evidentemente se sabe a que esforço os autores serão conduzidos a restituir em seu lugar, que aparece, afinal de contas, quando se olham as coisas, como sendo um puro, simples e vão giro sobre si mesmo de um sistema, de um conjunto de conceitos, pois afinal de contas, se examinarmos atentamente a economia daquilo que Mélanie Klein articula como ocorrendo no nível deste Édipo precoce, o que é ainda algo como uma espécie de contradição nos termos é ainda uma maneira de dizer o Édipo pré-édipiano, o Édipo enquanto de Édipo antes que alguma das personagens do Édipo tenha aparecido. Encontramos simplesmente articulado nos significantes interpretativos que ela usa para dar um nome a estas pulsões que encontra, ou que pensa encontrar no último termo na criança, que ela implica em seus próprios significantes

26 de março de 1958

exatamente toda a dialética de que se trata na origem, a saber, a questão de que se trata e que é preciso retomar do início e em sua essência, e que é isto: Se a castração tem esse caráter essencial, se a tomamos na medida em que é promovida pela experiência e pela teoria analítica, e por Freud, isto, desde o início, saibamos agora ver o que ela quer dizer.

Antes de ser temido, vivido, psicologizável, o que isso quer dizer?

A castração não é uma castração real. Dissemos que ela está ligada a um desejo. Ela está ligada até ao progresso, à evolução, à maturação do desejo no sujeito humano. Se ela é castração, é certo que a ligação, por outro lado, a este órgão, tão difícil, por sinal, na noção de complexo da castração, bem central, pois frequentemente foi ressaltado, o que isso queria dizer? Não é uma castração dirigida aos órgãos genitais em seu conjunto. É por isso, aliás, que na mulher, ele não toma a forma de uma ameaça aos órgãos genitais femininos como tais, mas na qualidade de outra coisa, na qualidade de falo. Da mesma forma, no homem, foi possível perguntar se, nesta noção de complexo de castração, era preciso isolar o pênis como tal, ou incluir os testículos. Na verdade o que mostra é que aquilo de que se trata é outra coisa que não isto ou aquilo, é algo que tem uma certa relação com os órgãos, mas uma relação cujo caráter justamente significante já desde a origem não é duvidoso, e é este caráter significante que domina.

Digamos que, no mínimo, um mínimo deve ser considerado naquilo que em sua essência o complexo de castração é, a relação de um desejo por um lado, e por outro lado, aquilo que nesta ocasião eu chamarei de uma *marca*.

A experiência freudiana e a teoria analítica nos dizem que, para que o desejo atravesse felizmente certas fases, alcance a maturidade, é preciso que algo tão problemático a situar quanto o falo seja marcado por este algo que faz com que seja mantido, conservado, na medida em que atravessou a ameaça de castração propriamente dita. E isso deve ser mantido como o mínimo essencial além do qual partimos nas sinonímias, nos deslizamentos, nas equivalências, e também, pelo fato, nas obscuridades.

Literalmente não sabemos mais o que dizemos se não consideramos estas características como essenciais, e não seria melhor primeiro e antes de mais nada se dirigir para a relação destes dois pólos, dizem, *do desejo à marca*, antes de tentar buscá-la nas diversas maneiras pelas quais isso para o sujeito se encarna na razão de uma ligação que, a partir do momento em que deixamos este ponto de partida, vai se tornar sempre mais enigmática, sempre mais problemática, e, em breve, sempre mais elidida?

Insisto sobre este caráter, este caráter de *marca* que, por sinal, aparece em todas as outras manifestações que não as manifestações analíticas, interpretativas, significativas, e certamente em tudo quanto encarna cerimonialmente, ritualmente, sociologicamente, este caráter de ser o signo de tudo quanto suporta esta relação castrativa, cuja emergência antropológica começamos a perceber, por intermédio da análise.

Não esqueçamos até aí os signos, as encarnações religiosas por exemplo, onde reconhecemos o complexo de castração, a circuncisão por exemplo, ou ainda tal ou tal forma de *inscrição* de *marca* nos ritos de puberdade, de tatuagens, de tudo quanto produz marcas, imprime sobre o sujeito, em ligação com uma certa fase que, de maneira não ambígua, se apresenta como uma fase de ascensão a um certo nível, a um certo estágio de desejo. Tudo isto se apresenta como *marca* ou *impressão*

26 de março de 1958

E, vocês me dirão; é isso, isso mesmo. A *marca*, não é difícil encontrá-la. Já na experiência, quando se tem rebanhos, cada pastor tem uma pequena marca para reconhecer suas ovelhas das dos outros, e não é uma ressalva boba. Há uma certa relação, nem que fosse nisso: entendemos que a marca se apresenta numa certa transcendência em relação à constituição do rebanho.

E isso nos basta? É verdade, de certa maneira, por exemplo, que a circuncisão se apresenta como constituindo um certo rebanho, o rebanho dos eleitos do Filho de Deus.

Estamos aí somente reencontrando isto? Certamente. O que Freud e a experiência analítica nos trazem, é que há uma relação estreita entre o desejo e a marca. É que a marca não é apenas um signo de reconhecimento para o pastor. Na ocasião teríamos dificuldade em saber onde ele estaria, mas quando se trata do homem, isto quer dizer que o ser vivo, marcado, há aqui um desejo que não fica sem uma certa relação íntima com esta marca.

Não se trata de se avançar muito rápido nem de dizer que é esta marca que modifica o desejo. Talvez haja desde a origem neste desejo uma *hiância* que possibilita que esta marca tome sua incidência especial, mas o que é certo é que há uma relação, a mais estreita, entre o que caracteriza este desejo no homem e a incidência, o papel e a função desta marca. Reencontramos esta confrontação do significante e do desejo que é aquilo em torno de que nossa interrogação aqui deve ser feita.

Não quero me afastar muito, mas faço aqui, no entanto, um pequeno parêntese: Não esqueçamos que a questão aqui leva evidentemente à função de significante no homem e não será a primeira vez que ouvirão falar disso aqui. Se Freud escreve *Totem e Tabu*, se para ele foi uma necessidade e uma satisfação essencial articular este *Totem e Tabu*, refiram-se ao texto de Jones para verem a importância que isso tinha para ele, e que não era simplesmente uma importância de psicanálise aplicada, de encontrar, aumentado às dimensões do céu, o pequeno animal humano com que ele lidava em seu gabinete, não é o cão celeste em relação ao cão terrestre, como em Spinoza, é para ele um mito absolutamente essencial, tão essencial que para ele não é um mito. O que quer dizer o *Totem e Tabu*?

Se quisermos entender algo que é a interrogação particular de Freud, no nível da experiência do Édipo em seus doentes, somos necessariamente levados a este tema do assassinato do pai.

Claro, vocês sabem que Freud aí não se interroga. O que isso pode significar? Que para conceber uma passagem que é a da natureza à humanidade, seja preciso passar pelo assassinato do pai?

Conforme seu método, que é o de um observador, de um naturalista, ele agrupa, faz pulular em torno desta espécie de ponto de concurso, de encruzilhada ao qual ele chega, todos os documentos, tudo quanto lhe traz a informação etnológica. E o que vemos pulular principalmente? A contribuição particular de sua experiência. É o ponto em que ela encontra o material etnológico. Não importa se ele é mais ou menos obsoleto. Agora não tem importância alguma o fato de que seja na função da fobia com o tema do totem que esteja o ponto em que ele se reencontra, aonde ele chega, se satisfaz, onde ele vê se conjugarem os signos cujos traços ele segue. Tudo isso se nos mostra ser absolutamente indiscernível de um progresso que coloca esta função do significante no primeiro plano.

26 de março de 1958

A fobia é um sintoma onde vem em primeiro plano e de maneira isolada e promovido como tal, o significante. Eu o explicava ano passado, lhes mostrava até que ponto o significante de uma fobia é algo que tem trinta e seis mil significações para o sujeito. É o ponto chave, é o significante que falta para que as significações possam, pelo menos por um tempo, ficar quietas. Caso contrário, o sujeito é literalmente submergido por elas.

Da mesma forma, o totem é isso também, o significante para toda obra, o significante chave, graças ao qual se ordena principalmente o sujeito, pois neste significante o sujeito encontra aquilo que ele é, e é em nome deste totem que para ele se ordena também o que está proibido.

Mas o que isto nos vela? Nos esconde no último termo? É este próprio assassinato do pai, para que seja em torno dele que possa se fazer a conversão, a revolução graças a que os jovens machos da horda vão ver se ordenar algo que vai ser a lei primitiva, isto é, a interdição do incesto.

Isto esconde o laço estreito que há entre a morte e a aparição do significante, pois não esqueçam isto: no seu dia a dia, cada um sabe que a vida não pára com os cadáveres que ela faz. Os peixes grandes comem os pequenos, ou mesmo, após tê-los matado, não os comem, mas é certo que o movimento da vida nivela o que ela tem em sua frente para abolir, e todo o problema é saber em que uma morte é memorizada, mesmo se esta memorização é algo que fica implícito, isto é, como tudo o que deixa aparecer, é da natureza desta memorização que isso seja esquecido pelo indivíduo, quer se trate do assassinato do pai ou de Moisés. É essencialmente e de sua natureza esquecer o que fica absolutamente necessário como a chave, o ponto pivô em torno do qual deve girar nosso espírito. É que um certo laço foi feito significante, que faz com que esta morte exista propriamente falando, diferentemente no real, no pulular da vida. Não há existência de morte, há mortos, e pronto; e quando estão mortos, ninguém na vida presta mais atenção a eles.

Em outras palavras, o que é que faz a paixão de Freud quando escreve *Totem e Tabu*, e o efeito fulgurante da produção de um livro que aparece e que geralmente é rejeitado e vomitado? Isto é, todos dizem *o que é que aquele nos diz? A que veio? Com que direito nos diz isso? Nós, etnógrafos, nunca vimos isso* O que não impede que seja um dos eventos mais capitais de nosso século, e que em torno disso, efetivamente toda a inspiração do trabalho crítico, etnológico, literário, antropológico seja por isso profundamente transformada.

O que isso quer dizer, a não ser que Freud conjuga duas coisas? O desejo com o significante. Ele os conjuga como se diz que se conjuga um verbo. Ele faz entrar a categoria desta conjugação dentro de um pensamento que até ele, concernente ao homem, permanece um pensamento que eu chamaria de academizante, designando assim uma certa filiação filosófica antiga que desde o platonismo até as seitas estoiciana e epicuriana, passando pelo cristianismo, tende profundamente a esquecer, a eludir esta relação orgânica do desejo com o significante, a situá-lo, a excluí-lo do significante, a reduzi-lo, a explicá-lo, a motivá-lo numa certa economia do prazer, a eliminar o que há nele de absolutamente problemático e irreduzível, e propriamente falando, de perverso, a eliminar o que é o caráter essencial, vivo, das manifestações do desejo humano, no primeiro plano do qual devemos colocar não somente este caráter inadaptado, inadaptável, mas fundamentalmente pervertido, marcado.

É a situação deste laço entre o desejo e a marca, entre o desejo e a insígnia, entre o desejo e o significante, que estamos aqui nos esforçando em descrever.

Eis as três pequenas fórmulas que escrevi:

$$\begin{array}{l}
 \mathbf{d} \longrightarrow \mathbf{S} \quad \diamond \quad \mathbf{a} \begin{array}{c} \longrightarrow \\ \longleftarrow \end{array} \mathbf{i} \quad (\mathbf{a}) \longleftarrow \mathbf{m} \\
 \mathbf{D} \longrightarrow \mathbf{A} \quad \diamond \quad \mathbf{d} \begin{array}{c} \longrightarrow \\ \longleftarrow \end{array} \mathbf{s} \quad (\mathbf{A}) \longleftarrow \mathbf{I} \\
 \mathbf{\Delta} \longrightarrow \mathbf{S} \quad \diamond \quad \mathbf{D} \begin{array}{c} \longrightarrow \\ \longleftarrow \end{array} \mathbf{S} \quad (\mathbf{A}) \longleftarrow \mathbf{\Phi}
 \end{array}$$

Hoje quero simplesmente introduzi-las, dizer o que significam, porque não poderemos ir mais longe. Mas estas fórmulas são, em minha opinião, aquelas em torno das quais poderão não somente tentar articular algo do problema que acabei de propor, mas também articular todas as divagações e mesmo as divagações do pensamento analítico, concernentes ao que permanece, sempre, nosso problema fundamental. Afinal de contas, não esqueçamos que é problema do desejo.

Começemos dizendo o que querem dizer as letras que estão aí. O pequeno **d** é o desejo; o **S** é o sujeito; o pequeno **a** é o pequeno outro, é o outro enquanto nosso semelhante, é o outro na medida em que sua imagem nos retém, nos cativa, nos suporta, e em torno da qual constituímos esta espécie de primeira ordem de identificações que eu defini como a identificação narcísica, o pequeno **m**, o *ai* [*ma*].

Esta primeira linha os coloca numa certa relação cujas setas indicam que ela não pode ser percorrida até o fim partindo de cada extremidade, que ela pára ao partir de cada extremidade, no ponto preciso onde a seta diretriz encontra outra de signo oposto numa certa relação à identificação egóica ou narcísica com a função do desejo.

Vou retornar o comentário.

A segunda linha concerne a tudo sobre o que articulei meu discurso no início deste ano e na medida em que tentei fazer no *dito espíritoso* uma certa relação fundamental do desejo, não com o significante como tal, mas com a palavra, a saber, a demanda. O **D** é a demanda; o grande **A** é o grande Outro, o grande Outro na medida em que é o lugar, a sede, a testemunha à qual o sujeito se refere em sua relação com um pequeno *a* qualquer, como sendo o lugar da palavra. Não é necessário lembrar aqui o quanto, desde há muito e voltando sempre a isso, articulei a necessidade deste grande Outro como o lugar da palavra articulada como tal. Aqui reencontra-se o pequeno **d**: aqui encontra-se um signo pela primeira vez: o pequeno **s**, que tem a mesma significação que, habitualmente, em nossas fórmulas, a saber, a do significado. O pequeno **a**, o grande **A** querem dizer o que no outro está significado, e significado com a ajuda do significante, o que no outro para mim sujeito, ganha valor de significado, isto é, propriamente falando, o que temos chamado de insígnias. É em relação a estas insígnias do outro que se produz a identificação cujo fruto e resultado é a constituição no sujeito do grande **I** que é o Ideal do eu.

Só pela constituição destas fórmulas, vocês já têm presentificado que não há ascensão de signos à identificação do *ideal do eu* a não ser quando o termo do *grande Outro* entrou em consideração. Aqui se encontra o pequeno **d**.

A terceira linha, delta, é a que concerne ao problema que tento articular hoje, a saber, ela tenta articular numa cadeia-marco, como as precedentes, isto: o delta é precisamente aquilo sobre que nos interrogamos, ou seja a mola pela qual o sujeito humano é posto numa certa relação ao significante, isto, em sua essência de sujeito, de sujeito total, de sujeito em seu caráter completamente aberto, problemático, enigmático, e é o que esta fórmula exprime. Vocês vêem aqui o sujeito voltar em sua relação com o fato de que seu desejo passa pela demanda, que ele o fala, e que isto surte certos efeitos. É simplesmente o que está

26 de março de 1958

simbolizado aqui. Aqui têm o grande **S** que é, como habitualmente, a letra pela qual está designado o significante. Esta fórmula explica que grande **S** é algo que você tenta dizer, e precisamente, o que o *eu*, o falo, realiza. Em outras palavras, que o falo é o significante que introduz no grande *A* algo novo, e só o introduz no grande *A*, e no nível de *A*, e que é aquilo graças a que esta fórmula vai tomar seu esclarecimento dos efeitos de significante neste ponto preciso de incidência sobre o outro. A saber: o que esta fórmula vai nos permitir esclarecer daquilo que ocorre pela existência das relações assim articuladas.

Retomemos agora aquilo de que se trata.

A relação do homem ao desejo não é uma relação pura e simples de desejo, não é em si uma relação ao objeto. Se esta relação ao objeto estivesse desde já instituída, não haveria problemas para a análise. Os homens iriam a seu objeto, como a maior parte dos animais, presumivelmente. Não haveria esta relação segunda, se assim posso dizer, do homem ao fato de que ele é animal desejante, e que tudo quanto ocorre no nível que chamamos de perverso, consiste nisto, que ele goza de seu desejo. Se toda a evolução das origens do desejo gira em torno destes fatos vividos, o que se chama a relação, digamos, masoquista, é aquela que, na ordem genética, faz sair primeiro, mas se chega a ela por uma espécie de regressão, se assim posso dizer, a que se oferece como a mais exemplar, como a mais pivô, é a relação dita sádica, ou a relação escopofílica.

Mas se é completamente claro que é por uma redução, um manuseio, uma decomposição artificial segunda daquilo que está dado na experiência que isolamos sob forma de pulsões que se substituem uma à outra e que se equivalem, a relação escopofílica, na medida em que conjuga exibição e voyeurismo, é sempre ambígua: o sujeito se vê sendo visto, ou vê o sujeito como visto, mas, claro, não o vê pura e simplesmente. É no gozo, na espécie de irradiação ou de fosforescência que emana do fato de que o sujeito se encontra numa posição vinda de não se sabe que hiância primitiva de alguma forma extraída de sua relação de implicação ao objeto, e daí ele se agarra, fundamentalmente, ele mesmo, como paciente nesta relação, donde o fato de que encontremos no fundo desta exploração analítica do desejo o masoquismo. É que o sujeito se agarra como sofrendo, se assim se pode dizer, sua existência de ser vivo, como aí sofrendo, como sendo sujeito do desejo.

Onde está agora o problema?

Isto é o lado que permanecerá para sempre de caráter irreduzível, o lado totalmente falso do desejo humano em relação a nenhuma redução e adaptação e nenhuma experiência analítica, e não irá contra o sujeito, não satisfaz simplesmente um desejo, ele goza de desejar, e é uma dimensão essencial de seu gozo, e omitir esta espécie de dado primitivo ao qual devo dizer que a investigação dita existencialista trouxe certas luzes, recolocou numa certa iluminação, o que articulei como pude, pensando simplesmente que vocês se referem bastante à nossa experiência de cada dia para que isto tenha um sentido, que é desenvolvido ao longo das páginas diversamente magistras pelo senhor Sartre em *O Ser e o Nada*. Não é sempre de absoluto rigor, filosoficamente falando, mas é de um talento literário incontestável. O estranho é que coisas desta ordem não tenham podido ser articuladas e desenvolvidas com tanto brilho, a não ser justamente, somente, desde que a análise deu, de alguma forma, direito de cidadania a esta dimensão do desejo.

O senhor Jones, em *A Utilidade e a Função na Análise*, em função diretamente proporcional àquilo que não entendia, teria muito rapidamente tentado articular o complexo de castração dando-lhe um equivalente. Para dizer tudo, o significante fálico foi para ele e durante toda

26 de março de 1958

sua existência de escritor e de analista, o objeto do que se poderia talvez chamar nele de verdadeira fobia, pois verdadeiramente o que ele escreveu de melhor, que culmina com seu artigo sobre a fase fálica, consiste precisamente em articular, em dizer porque este falo danado, que está aqui, que se encontra sob nossos passos, a cada instante, por que o privilégio para este objeto por sinal inconsistente, quando há coisas tão interessantes quanto esta? A vagina, por exemplo. E ele tem razão, com efeito, este homem. É claro que este objeto, não tem menos interesse que o falo, e sabemos disso. O que porém eu estranho é que um e outro não têm a mesma função. Ele estava estritamente condenado a não entender nada, na medida em que desde o início, assim que tentava se articular o que isso era, este complexo de castração em Freud, ele sentiu a necessidade de lhe encontrar um equivalente.

Já se vê a partida do primeiro jato que surge lá em vez de reter o que há talvez de coriáceo, de irredutível no complexo da castração, a saber, o significante falo. Ele não estava sem uma certa orientação. Talvez ele só estivesse errado ao pensar esta frase com a qual ele termina seu artigo sobre a fase fálica, a saber, que Deus os criou homem e mulher. É com isso que ele termina, o que mostra bem as origens bíblicas de sua convicção. Posto que Deus os criou homem e mulher, é que são feitos para andarem juntos, e é preciso que isto chegue a isso, ou que diga porque.

Ora, justamente estamos na análise para nos apercebermos que quando queremos que isso diga, porque não?, entramos em toda sorte de complicações, e é por isso que no início, ele substitui ao termo de complexo da castração, o de *aphanisis* que foi buscar no dicionário grego e que não é dos mais usados pelos autores e que quer dizer desaparecimento. Desaparecimento de quê? Desaparecimento do desejo. É o que o sujeito temeria no complexo de castração, segundo o senhor Jones, e então, com seu pequeno passo alegre de personagem shakespeariana, ele não parecia imaginar que já era um enorme problema um ser vivo poder imaginar, se intimidar como de um perigo, não do desaparecimento, da falta, do desmame de seu objeto, mas sim de seu desejo, pois não há outro meio de fazer da *afânise* um equivalente do complexo de castração, a não ser definindo-a como ele a define, isto é a desapareição do desejo.

Não haverá aí algo infundado? Mas que seja algo de segundo ou terceiro grau em relação ao que podemos chamar de uma relação concebível em termos de necessidade, é o que parece não duvidoso, e ele parece não ter a menor dúvida.

Admitindo-se que estejam resolvidas todas as complicações que sugerem a simples colocação do problema nestes termos, permanece a questão de saber como nesta relação do sujeito ao outro, na medida em que é no outro e no olhar do outro - não é por nada que eu enfatizo a posição escopofílica: é porque efetivamente ela está no coração desta posição - mas na atitude do outro; quero dizer que não há posição sádica que não se acompanhe de uma certa posição masoquista para ser qualificável de sádica, propriamente falando.

Pois o problema é saber o que, em sua relação a seu próprio ser separado onde está o sujeito humano, que o coloca nesta posição totalmente peculiar, em relação ao outro, ou o que ele agarra, ou aquilo de que goza, é a outra coisa da relação ao objeto, mas de uma relação a seu desejo. Afinal de contas trata-se de saber o que o falo vem fazer naquilo. Aí é que está o problema, e antes de gerá-lo, de procurar imaginá-lo por uma reconstituição genética fundamentada sobre referências que são o que eu chamarei de referências fundamentais do obscurantismo moderno, a saber, fórmulas como estas, que em minha opinião, são muito mais imbecis que tudo quanto poderão encontrar nestes pequenos livros

26 de março de 1958

que se ensinam sob o nome de instrução religiosa ou de catecismo, por exemplo, ontogênese reproduz a filogênese. Quando nossos bisnetos souberem que em nosso tempo isto bastava para explicar montes de coisas, eles pensarão; coisa estranha, este homem, e não se darão conta daquilo que terão no lugar, naquele momento.

Trata-se pois, de saber o que o falo vem fazer aqui.

Coloquemos hoje isto: que a existência desta terceira linha, a saber, que o falo, efetivamente, é algo que desempenha um certo papel, um papel de significante. O que isso quer dizer?

Partamos da segunda linha, que quer dizer isto: que se houver uma certa relação do homem a este pequeno outro que está estruturado, constituído como aquilo que acabamos de chamar de o desejo humano no sentido em que este desejo já é algo fundamentalmente perverso, todas as suas demandas estarão marcadas por uma certa relação. É o sentido daquilo que está marcado pelo pequeno símbolo losângico que encontrarão sem cessar nesta fórmula e que implica simplesmente que tudo quanto de que se trata aqui está comandado por algo que é justamente esta relação quadrática que colocamos desde sempre na fundamentação da articulação de nosso problema e que põe **S** e que diz que não há **S** concebível, articulável nem possível sem esta relação terceira **AA'AS**. É tudo o que isso quer dizer: para que a demanda, se se pode dizer isso, exista, tenha uma chance, seja algo, é preciso que haja uma certa relação entre **SA**, na qualidade de lugar da palavra, e este desejo, estruturado **Aç** na medida em que está estruturado na primeira linha.

O que a composição destas linhas implica é isto: que, da mesma forma que a identificação narcísica, a saber, no que se constitui o *ei* [*mx*] do sujeito, se faz numa certa relação cujas variações vimos, todas elas, todas as nuances, todas as diferenças de prestígio, de garbo, de dominação com a imagem do Outro. Mas aí há o correspondente, o correlativo daquilo que do outro lado do ponto de revolução deste esquema, a saber, a linha de equivalência dupla que está aqui, no centro, põe em relação esta possibilidade da existência de um *ei* [*mx*] com o caráter fundamentalmente desejante e ligado aos avatares do desejo, que é o que aqui está articulado na primeira parte da primeira linha.

Da mesma forma, toda e qualquer identificação que seja identificação às insígnias do outro, isto é, do terceiro como tal, depende de quê? Da demanda e das relações do outro ao desejo, e isto é totalmente claro e evidente, e é o que possibilita dar ao termo todo seu valor, ao termo que Freud usa para denominar aquilo que chamamos por um termo impróprio, o termo de frustração e voltarei, rearticularei aquilo por que este termo é impróprio. Trata-se de¹. Sabemos por experiência que é na medida em que algo é que se produz no sujeito este fenômeno da identificação secundária ou da identificação aos insígnias de outro.

O que isto implica?

Isto implica que, para que algo possa se estabelecer, entendo, para o sujeito, entre o grande Outro, como lugar da palavra, e este fenômeno de seu desejo que se coloca sobre um plano totalmente heterogêneo, já que há relação com o pequeno outro na medida em que o pequeno outro é sua imagem, é preciso que algo introduza no Outro, na qualidade de lugar

¹ *Versagung* seria a palavra que corresponderia à que costuma-se traduzir por *frustração*. Seria a referente no texto?

26 de março de 1958

da palavra, esta mesma relação ao pequeno outro que é exigida, que é necessária, que é fenomenologicamente tangível, para explicar o desejo humano enquanto desejo perverso. É a necessidade de uma articulação do problema que propomos hoje.

Isso pode lhes parecer obscuro. Só lhes direi uma coisa: é que se não colocarmos nada, constataremos que isso se torna mais e mais obscuro, e além disso tudo se complica, se embarça, ao passo que o que se trata de saber, é que se colocarmos isso, poderemos fazer sair um pouco de ordem. Colocamos que ϕ , o falo, este significante pelo qual está introduzido em A , na qualidade de lugar da palavra, o grande A , o grande Outro por onde está introduzida a relação ao outro, o pequeno outro, pequeno a , enquanto pequeno outro, por onde esta relação está introduzida, não é tudo, na medida em que o significante tem um papel nisso.

É isso. Isto parece se morder o rabo, mas é necessário que isto se morda a cauda. É claro que o significante tem algo a ver nisto, posto que o encontramos a cada passo. Nós o encontramos primeiro na origem. Não haveria origem, não da cultura, mas, o que aliás é a mesma coisa, se distinguirmos cultura e sociedade, não haveria, pois, entrada do homem na cultura se esta relação ao significante não estivesse na origem.

O que queremos dizer aqui, é que da mesma forma que temos definido o significante paterno como o significante que, no lugar do Outro, põe, autoriza o jogo dos significantes, há este outro significante privilegiado que é o significante ϕ , que tem como efeito instituir no Outro isto que o muda de natureza, a saber, que é por isso que aqui ele está adornado, este Outro. O que o faz mudar de natureza, a saber, que ele não é pura e simplesmente lugar da palavra, mas é algo que, como o sujeito, está implicado nesta dialética situada sobre o plano fenomenal da reflexão para com o pequeno outro que coloca que o Outro está implicado nisto, que a isso acrescenta - é pura e simplesmente como significante que aí se acrescenta - que esta relação existe, na medida em que é o significante que a inscreve.

Peço-lhes que quaisquer que sejam as dificuldades que encontrarem nisto, conservar isso em seu espírito, encerrando por hoje. Em seguida lhes mostrarei o que isso possibilita articular e ilustrar.